

PROCESSO PSICOSSOCIAL DO DIAGNÓSTICO DE TEA NAS FAMÍLIAS AO LONGO DO TEMPO: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA INTEGRATIVA DA LITERATURA

THE PSYCHOSOCIAL PROCESS OF ASD DIAGNOSIS IN FAMILIES OVER TIME: AN INTEGRATIVE LITERATURE REVIEW

Priscilla Bellard Mendes de Souza e Rogéria da Silva Farias

RESUMO

O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem aumentado nos últimos anos, repercutindo de modo significativo na dinâmica e no bem-estar das famílias, com mudanças que tendem a se reorganizar ao longo do tempo. O objetivo foi identificar, descrever e analisar as evidências disponíveis sobre o processo psicossocial vividos pelas famílias diante do diagnóstico do TEA ao longo do tempo, por meio de revisão bibliográfica integrativa da literatura. A busca foi realizada através do Portal de Periódicos CAPES nas bases SciELO e LILACS com uso de descritores Transtorno do Espectro Autista; Família; Diagnóstico; Impacto Psicossocial, combinados pelo operador booleano AND. Após triagem e leitura integral o corpus foi constituído por 18 estudos. Os resultados evidenciaram três conjuntos de processos sequenciais após o diagnóstico no núcleo familiar: (1) impacto imediato, marcado por reações emocionais intensas, medo, incerteza e elevação do estresse e/ou sobrecarga; (2) reorganização gradual, com ampliação de redes de apoio, inserção em rotinas terapêuticas e ressignificação de expectativas; e (3) desafios persistentes, associados a barreiras de acesso, condições socioeconômicas, comorbidades e custos do cuidado, ainda que parte das famílias relate maior autoeficácia e normalização do cuidado. Conclui-se que o impacto psicossocial é mais acentuado no período inicial pós-diagnóstico e que a adaptação ao longo do tempo é influenciada pela coordenação do cuidado, pelo suporte social e pelo acesso a intervenções voltadas à família.

Palavras-chave: Transtorno do espectro autista. Famílias. Impacto psicossocial.

ABSTRACT

The diagnosis of Autism Spectrum Disorder (ASD) has increased in recent years, significantly impacting the dynamics and well-being of families, with changes that tend to reorganize over time. The objective was to identify, describe, and analyze the available evidence on the psychosocial process experienced by families upon receiving an ASD diagnosis over time, through an integrative literature review. The search was conducted through the CAPES Periodicals Portal in the SciELO and LILACS databases using the descriptors Autism Spectrum Disorder; Family; Diagnosis; Psychosocial Impact, combined with the Boolean operator AND. After screening and full reading, the corpus consisted of 18 studies. The results revealed three sets of sequential processes after diagnosis within the family unit: (1) immediate impact, marked by intense emotional reactions, fear, uncertainty, and increased stress and/or overload; (2) gradual reorganization, with expansion of support networks, inclusion in therapeutic routines, and redefinition of expectations; and (3) persistent challenges associated with access barriers, socioeconomic conditions, comorbidities, and care costs, even though some families report greater self-efficacy and normalization of care. It is concluded that the psychosocial impact is more pronounced in the initial post-diagnosis period and that adaptation over time is influenced by care coordination, social support, and access to family-oriented interventions.

Keywords: Autism spectrum disorder. Family. Psychosocial impact.

Data de recebimento: 05/03/2026.
Aceito para publicação: 19/05/2026.

1 INTRODUÇÃO

A espera do nascimento de um filho, de forma inesperada ou planejada, natural permite uma idealização do filho “perfeito”, organizando para ele planos para o futuro como educação e atividades que serão desenvolvidas ao longo da vida (Cavalcante, 2023). Entretanto, ao receber a notícia da presença de um diagnóstico sobre alteração de desenvolvimento desse filho, inicia-se uma série de modificações nos primeiros planos, rotina e futuro de toda família (Caparroz ; Coldera, 2022).

No caso do diagnóstico do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), para Caparroz e Soldara (2022), há a instalação de um processo confuso e estressante, podendo causar mudanças de cunho emocional e afetivo nos pais e na criança, fato este que compõe a

rotina da clínica psicológica. O interesse pela temática nasce a partir da atuação como psicóloga na região da transamazônica Xingu, e como residente psicóloga do Programa Multiprofissional em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Pará- Campus de Altamira.

A possibilidade de contato com crianças diagnosticadas, ou em processo de diagnóstico, com seus pais e cuidadores, permitiu identificar em suas narrativas, a dificuldade que expressavam em lidar com a possibilidade de um diagnóstico de TEA, principalmente em regiões peculiares como o médio Xingu. O contato com estes familiares, revelaram as dificuldades relacionadas ao processo de cuidados que demandavam as crianças no processo de nomeação diagnóstica, além de dificuldades de aceitação e compreensão da comunidade na qual estavam inseridas.

Tal percepção fomentou a vontade de entender se a realidade percebida era comum em outros territórios, uma vez que a literatura científica vem sustentando diferentes fases do processo psicossocial do diagnóstico do TEA (Franco, 2015), onde o contexto familiar passa a expor dificuldades em agir diante às circunstâncias, o que pode prejudicar o desenvolvimento da criança, uma vez que negar um diagnóstico, pode impedir que intervenções precoces aconteçam. Entretanto, entender o que a família sente ao receber um diagnóstico é muito importante. Kiquio e Gomes (2018) afirmam que após o diagnóstico do TEA, a família adentra em processo de luto, mas ao mesmo tempo inicia o enfrentamento, fazendo com que toda a família se amolde à pessoa com este transtorno. Passos e Kishimoto (2022), advertem que o impacto do diagnóstico depende de como as pessoas encaram as dificuldades apresentadas e a dinâmica familiar já existente.

Hofzmann et al. (2019) afirmam que o processo de aceitação não é fácil para todos os familiares, sobretudo para os pais, e boa parte disso vem da falta de conhecimento sobre o TEA. Estes autores enfatizam o avanço nas pesquisas e aumento do conhecimento sobre o transtorno, envolvendo grandes mudanças de sintomas e intensidade deles, permite que haja mais conforto à família no enfrentamento do processo, além de submergir aspectos sociais, familiares, políticos, educacionais e terapêuticos. O encargo decorrente do diagnóstico do TEA requer empenho da família que precisa de uma adaptação mediante às exigências emocionais e sociais evocadas frente a nova realidade.

Diante ao diagnóstico de TEA, problemáticas são despertadas a uma nova realidade, onde os genitores tendem a entrar em elevados níveis de estresse parental, medo, insegurança, raiva, negação e culpa (Franco, 2015; Caparroz; Soldera, 2022). Diante dessas condições, há uma certa separação nas relações familiares, que por vezes acabam desestruturando ao enfrentar as dificuldades do convívio social, e a ausência de suporte profissional, manifestando desequilíbrio emocional, sofrimento psíquico e dificuldades nas relações sociais (Hilário; Azevedo; Souza, 2021).

Em relação a forma como o TEA impacta o desenvolvimento infantil, segundo os critérios internacionais do Manual Diagnóstico e Estatísticos dos Transtornos Mentais (DSM 5), as dificuldades na comunicação social, socialização, rotinas estereotipadas e rígidas e comportamentos de autoagressão, são processos limitantes, que impactam a qualidade de vida da criança, do adolescente e do adulto com TEA e sua família. Nessa perspectiva, a preocupação com o futuro do filho, tem sido descrita na literatura como um fator de intensa preocupação parental, e impacto emocional (Gaiato, 2018).

Souza e Souza (2021) destacam que as pessoas com TEA têm dificuldade de expressar emoções, e adotam uma rotina como configuração de ritual, exibindo comportamentos estereotipados, onde as manifestações mais evidentes do TEA surgem entre 2 e 3 anos, e em alguns casos, apresentam-se entre os doze e dezoito meses de vida. Frequentemente, são os pais que identificam os primeiros sintomas, devido a certos comportamentos da criança, levando-os a buscar ajuda profissional.

Para Evêncio e Fernandes (2019), a história do autismo nos leva a entender que o termo, desde metade do século XX, foi atribuído a diagnósticos de esquizofrenia adulta,

devido sobretudo à necessidade de solidão, de rotina e a falta de interesse nas pessoas. No entanto, a partir das investigações do Dr. Kanner em um grupo composto por oito meninos e três meninas, cada qual com suas características, o autismo começou a ser atribuído em caso específico de comprometimento do desenvolvimento cognitivo e social, desta forma, alterando a compreensão que se tinha.

Barros e Teles (2025) ressaltam que o processo de diagnóstico do TEA vivido pelos pais, é permeado pelo estresse e sobrecarga nos cuidados, em diversos formatos, financeiro, emocionais, interferindo no relacionamento conjugal, saúde física, tarefas domésticas, relacionamento familiar e amizades. Para os autores, o processo não é igual para todos, não ocorre na mesma proporção, no entanto é presente, intervindo na qualidade de vida de todos que fazem parte do cotidiano da criança.

De acordo com Paoli e Machado (2022), a percepção sobre o espectro autista foi se materializando pelos (as) especialistas, e apropriada pelo DSM-5, pela Classificação Internacional de Doenças (CID 11), e pela Organização Mundial da Saúde (OMS,) que hoje codificam o TEA sob o CID 6A02, auxiliando os profissionais na identificação e melhor orientação sobre o transtorno.

Gray (2006) evidencia que o impacto do diagnóstico do TEA nas famílias constitui um processo dinâmico e contínuo, que se transforma ao longo do tempo, sendo o diagnóstico inicial marcado por elevado sofrimento emocional, sentimento de perda do filho idealizado e sobrecarga parental, especialmente nos primeiros anos após a confirmação diagnóstica. Contudo, o autor aponta que, com o passar do tempo, algumas famílias desenvolvem estratégias adaptativas, reorganizam suas rotinas e constroem novos significados para a experiência do cuidado, embora o estresse nunca desapareça completamente.

De modo convergente, Barros e Teles (2025), indicam que, apesar dos avanços nas políticas públicas, no acesso à informação e no reconhecimento social do TEA, o impacto psicossocial permanece significativo, manifestando-se em diferentes intensidades ao longo do ciclo de vida da pessoa com autismo. Esses estudos ressaltam que fatores como suporte social, acesso contínuo aos serviços especializados e multiprofissional, condições socioeconômicas e participação em intervenções psicoeducativas influenciam diretamente a adaptação familiar, reforçando a necessidade de compreender o diagnóstico do TEA como um fenômeno longitudinal, que exige acompanhamento e apoio contínuos às famílias. Pensando nisso, a presença de suporte social e rede de apoio familiar podem ser compreendidos como fundamentais no processo diagnóstico desde os primeiros momentos, uma vez que formam um conjunto de sistemas, relacionamentos, suporte material, emocional, afetivo, constituindo como importante fator de proteção às famílias (Barroso; Pedroso; Cruz, 2018).

Ademais, implementar apoio contínuo e conhecimento se fazem possíveis através de pesquisas e ampliação do conhecimento sobre a problemática, proporcionando bases sólidas tanto para novos pesquisadores, como também para o profissional em atuação frente às famílias que experienciam a realidade da convivência com crianças com TEA, e suas famílias. Portanto, o desenvolvimento de uma revisão integrativa da literatura mostrou-se adequado para o rastreamento de estudos publicados sobre este tema, e que abordaram o processo psicossocial do diagnóstico do TEA nas famílias.

Mediante este contexto, sustentou-se a que o diagnóstico de TEA, sem o devido suporte psicossocial, pode desencadear diversas problemáticas desde sintomas psicopatológicos e aspectos sociais, como financeiro, rotina familiar e ciclos sociais, dificultando o processo de aceitação. Diante disso a pergunta norteadora da pesquisa consistiu em saber qual tem sido como tem sido descrito o processo psicossocial do diagnóstico do TEA nas famílias ao longo do tempo? Logo, o objetivo foi descrever e analisar o processo psicossocial do diagnóstico do TEA ao longo do tempo nas famílias.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica integrativa da literatura, método que possibilita a reunião, análise e síntese do conhecimento científico produzido sobre um determinado tema, permitindo a inclusão de estudos com diferentes delineamentos metodológicos, como pesquisas qualitativas, quantitativas e estudos teóricos (Botelho; Cunha; Macedo, 2011). Esse tipo de revisão é amplamente utilizado na área da saúde coletiva em razão das Práticas Baseadas em Evidência (PBE) por favorecer uma compreensão ampla e aprofundada de fenômenos complexos, como processos psicossociais do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto familiar ao longo do tempo.

A revisão integrativa foi conduzida de forma sistemática, seguindo as seguintes sete etapas: 1- definição do tema e da questão norteadora, com estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão, sendo elaborada a pergunta: Como tem sido o processo psicossocial do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista nas famílias ao longo do tempo?; 2-busca e seleção dos estudos nas bases de dados; 3-avaliação crítica do material localizado; 4-coleta de dados; 5-análise crítica dos resultados; 6- síntese do conhecimento produzido e interpretação dos dados; 7-aprimoramento e atualização da revisão.

As buscas foram realizadas nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), acessadas por meio do Portal de Periódicos da CAPES. Utilizaram-se descritores controlados do DeCS/MESH, combinados por operador booleano AND, por meio das seguintes estratégias de busca: “Transtorno do Espectro Autista” AND “Família” AND “Diagnóstico” AND “processo Psicossocial”; “Transtorno do Espectro Autista” AND “Cuidadores” AND “Saúde Mental”; e seus correspondentes em inglês “Autism Spectrum Disorder” AND “Family” AND “Diagnosis”.

Foram adotados como critérios de inclusão: estudos publicados em língua portuguesa, disponibilidade *on line* integral e gratuita; artigos revisados por pares, que abordassem o impacto psicossocial do diagnóstico do TEA no contexto familiar; sem recorte temporal, com o objetivo de compreender as transformações do fenômeno ao longo do tempo. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados estudos duplicados; publicações cujo foco principal não estivesse relacionado exclusivamente ao TEA; produções que abordassem exclusivamente aspectos biomédicos, sem considerar desfechos psicossociais.

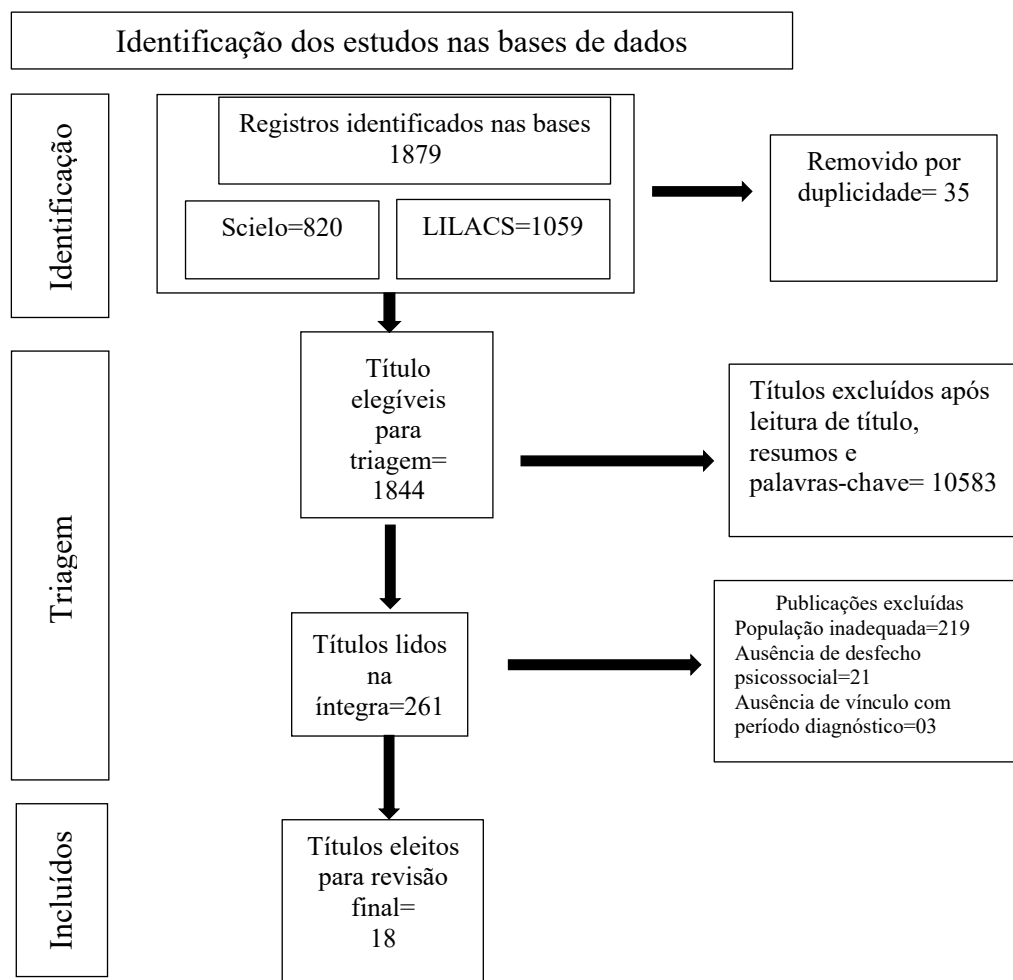
A seleção dos estudos ocorreu em três etapas sucessivas: primeiro a leitura dos títulos para verificar a pertinência do tema da pesquisa; na segunda leitura dos resumos e palavras-chave; e terceira leitura integral dos textos potencialmente elegíveis, garantindo rigor metodológico e aderência à questão norteadora. Após escolha do *corpus*, os dados foram extraídos e organizados em um quadro de análise, contendo informações referentes à categorização do corpus, como autoria, ano de publicação, objetivos, delineamento metodológico, e principais resultados.

A análise dos dados foi realizada por meio de síntese narrativa descritiva, sem meta-análise, possibilitando a identificação de seis categorias temáticas relacionadas aos processos psicossociais do diagnóstico do TEA, sendo estas: 1-estresse parental; sobrecarga do cuidador; 2-adaptação familiar; 3-suporte social; 4-saúde mental; e 4-qualidade de vida. Por se tratar de um estudo de revisão da literatura, que utiliza exclusivamente dados secundários de domínio público, a pesquisa dispensa apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa, conforme as normativas éticas vigentes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e passos metodológicos da presente revisão bibliográfica integrativa de literatura, podem ser visualizados no seguinte fluxograma:

Figura1 - Fluxograma de seleção dos artigos.



Fonte: autoria própria.

De forma sintetizada, os principais dados estão organizados no Quadro 1:

Quadro 1 – Resumo dos principais resultados.

Autores	Ano	Título	Método	Resumo
Portes <i>et al.</i>	2020	Coparentalidade no contexto familiar de crianças com TEA	Qualitativo	Impactos do diagnóstico na coparentalidade e organização familiar.
Oliveira <i>et al.</i>	2020	Intervenção parental e empoderamento no TEA	Quase-experimental	Efeitos de intervenções parentais após o diagnóstico.
Talasca <i>et al.</i>	2020	A família diante do enfrentamento do TEA	Qualitativo	Estratégias familiares frente ao diagnóstico.
Almeida	2020	Intervenções psicanalíticas com famílias	Estudo clínico	Práticas clínicas após o diagnóstico.
Pinto <i>et al.</i>	2020	Vivência materna no TEA: revisão integrativa	Revisão integrativa	Impactos emocionais do diagnóstico.
Cabral <i>et al.</i>	2021	Relação família–escola–criança com TEA	Qualitativo	Relação família–escola após o diagnóstico.
Agostini <i>et al.</i>	2022	Habilidades sociais educativas de pais de crianças com TEA	Transversal	Desenvolvimento de habilidades parentais ao longo do tempo.
Alves <i>et al.</i>	2022	Estresse, depressão e ansiedade em mães	Quantitativo	Sufrimento psicológico materno.
Ponte <i>et al.</i>	2022	Vivências maternas no cuidado ao filho com TEA	Qualitativo	Sentidos da maternidade no TEA.
Lemos <i>et al.</i>	2022	Vivências familiares de jovens com TEA	Qualitativo	Transformações familiares ao longo do desenvolvimento.
Araújo <i>et al.</i>	2023	Autismo, neurodiversidade e estigma	Teórico-reflexivo	Estigmas enfrentados pelas famílias.
Reis; Pereira	2023	Percepções familiares sobre a rede de cuidados	Qualitativo	Experiência das famílias com serviços de saúde.
Feitosa; Salomão	2023	Crenças parentais sobre o TEA	Qualitativo	Evolução das crenças parentais.
Lima <i>et al.</i>	2024	Autoestigma em mães de crianças com TEA	Qualitativo	Impactos emocionais do diagnóstico.
Danzmann	2024	Envolvimento paterno no contexto do TEA	Qualitativo	Mudanças na dinâmica parental.
Colomé <i>et al.</i>	2024	Significados atribuídos ao diagnóstico de autismo	Qualitativo	Construção de sentidos ao longo do tempo.
De Araújo <i>et al.</i>	2024	Ensino de emoções mediado pela família	Quase-experimental	Participação familiar no desenvolvimento emocional.
Schons <i>et al.</i>	2025	Primeiros sinais do TEA segundo mães	Qualitativo	Percepções iniciais do processo diagnóstico.

Fonte: autoria própria.

O presente estudo realizou a síntese dos 18 estudos incluídos na revisão integrativa acerca do processo psicossocial do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas famílias ao longo do tempo, considerando como eixos analíticos centrais a família e os cuidadores, o TEA/autismo e os desfechos psicossociais associados ao processo diagnóstico. De modo geral, em relação ao ano de publicação, cinco estudos foram publicados em 2020; um estudo em 2021; quatro em 2022; três em 2023; quatro estudos em 2024 e um estudo foi publicado em 2025.

Em relação ao local de publicação, as pesquisas estiveram contextualizadas nos eixos sul-sudeste brasileiros. Quanto ao tipo de pesquisa, onze foram qualitativas; cinco quantitativos (um experimental; dois quase-experimentais; um transversal; um clínico), e dois estudos foram teóricos (uma revisão integrativa; um ensaio teórico-reflexivo).

Em resumo as pesquisas tiveram como escopos principais a coparentalidade, mudanças na dinâmica parental; estigmas parentais; crenças parentais; impactos emocionais; maternidade; serviço de saúde; sofrimento psicológico; autoeficácia parental; relação família-escola; intervenções; e estratégias familiares após diagnóstico.

De modo convergente, os estudos analisados indicam que o impacto psicossocial do diagnóstico se organiza em três conjuntos de processos sequenciais, ainda que não lineares, que se manifestam ao longo do tempo no contexto familiar. O primeiro refere-se ao impacto imediato pós-diagnóstico, caracterizado por reações emocionais intensas, como choque, tristeza, medo, culpa, negação e incerteza, acompanhadas por elevação do estresse parental e da sobrecarga do cuidador (Pinto *et al.*, 2020; Talasca; Lenz, 2020; Schons; Alves; Mazon, 2025).

Colomé *et al.* (2024) destacam que o rompimento com o ideal de filho esperado desencadeia um processo simbólico de luto, que atravessa as experiências familiares nos primeiros meses. Alves *et al.*, (2022) aprofundam essa análise ao evidenciar elevados níveis de ansiedade e depressão, especialmente entre mães, enquanto Ponte *et al.* (2022) também associam esse sofrimento à ausência de informações claras e à fragilidade do suporte profissional no momento do diagnóstico. Considerando a realidade de algumas regiões ou territórios, devido à carência estrutural de bens e serviços especializados, como por exemplo, a região da Transamazônia, interior do estado do Pará, este processo acaba sendo potencializado.

O segundo conjunto de processos identificados na literatura refere-se à reorganização gradual da dinâmica familiar, marcada pela ampliação das redes de apoio, pela inserção em rotinas terapêuticas e pela reavaliação de expectativas em relação ao desenvolvimento da criança. Portes e Vieira (2020) demonstram que a coparentalidade, ou seja, divisão de cuidados parentais, passa por rearranjos importantes, com redefinição de papéis e negociações no âmbito conjugal, enquanto Feitosa e Salomão (2023) apontam transformações nas crenças parentais, favorecendo maior aceitação do diagnóstico e engajamento no cuidado. Danzmann (2024) acrescentam que, em alguns contextos, observa-se maior envolvimento paterno, o que contribui para a redução da sobrecarga materna. Esse movimento adaptativo também é descrito por Oliveira, Schmidt e Pendeza (2020), Agostini *et al.* (2022), e De Araújo *et al.* (2024), ao evidenciarem que intervenções parentais e psicoeducativas promovem empoderamento familiar, desenvolvimento de habilidades parentais e fortalecimento do vínculo com a criança.

Em relação à existência de programas parentais como suporte social, a revisão de escopo realizada por Souza *et al.* (2025), identificou 22 programas parentais baseados em evidência (PPBE) com alta eficácia, e diferentes dinâmicas de implementação, desde formatos presenciais aos *on line*, principalmente ocorridos no contexto pandêmico, uma vez que houve a necessidade dessa adaptação em tempo de isolamento social. Neste estudo, os autores identificaram a predominância de programas voltados para pais de crianças com TEA, explicitando o desenvolvimento de pesquisas na área. Foi ressaltada ainda, a carência

de programas parentais no Brasil, sobre TEA, o que reforça a necessidade de maiores estudos nessa área.

Contudo, os estudos dialogam ao indicar que, apesar desses avanços adaptativos, persistem desafios psicossociais ao longo do tempo, configurando o terceiro conjunto de processos identificados. Episódios de ansiedade e depressão continuam a se manifestar em subgrupos familiares, especialmente quando associados a barreiras de acesso aos serviços; condições socioeconômicas desfavoráveis; maior gravidade do TEA e presença de comorbidades (Lemos; Salomão, 2022; Reis; Pereira, 2023).

Nesse sentido, Lima, Naiff e Gaspard (2024) destacam que o autoestigma, aliado ao julgamento social, potencializa o sofrimento emocional das mães, repercutindo negativamente em sua saúde mental e em suas relações sociais. De forma complementar, Araújo *et al.*, (2023) compreendem o estigma social como um fenômeno transversal, que atravessa o cotidiano das famílias, restringe sua participação social e dificulta o acesso contínuo e qualificado à rede de cuidados.

Nesse contexto, a literatura aponta que, em um horizonte de médio e longo prazo, três situações tendem a emergir de forma recorrente no cotidiano das famílias: a fadiga crônica do cuidador, decorrente da continuidade e da intensidade das demandas de cuidado; os desafios associados à transição da infância para a adolescência e a vida adulta, período marcado por novas incertezas e necessidades de reorganização familiar e o impacto financeiro do cuidado prolongado, que impõe restrições econômicas e amplia as desigualdades no acesso aos serviços e às intervenções necessárias (Lemos; Salomão, 2022; Colomé *et al.*, 2024).

Ainda assim, parte das famílias descreve processos de normalização do cuidado, fortalecimento da autoeficácia e construção de novos sentidos para a experiência de conviver com o TEA, demonstrando que a adaptação se configura como um fenômeno heterogêneo e contextualizado (Colomé *et al.*, 2024; Feitosa; Salomão, 2023).

Os domínios psicossociais mais frequentemente abordados nos estudos incluem suporte social, estratégias de *coping*, estigma e autoestigma, funcionamento familiar, saúde mental (ansiedade e depressão), qualidade de vida, estresse parental e sobrecarga do cuidador. Embora o uso de instrumentos padronizados como PSI, HADS, BDI, BAI, WHOQOL, Zarit, FACES e Brief-COPE possibilitem comparações internas entre os estudos, a literatura revela significativa heterogeneidade metodológica, tanto em relação às medidas utilizadas quanto à definição do tempo desde o diagnóstico, o que limita a realização de estratificações temporais mais precisas (Pinto *et al.*, 2020; Alves *et al.*, 2022; Lemos; Salomão, 2022).

No que se refere aos fatores associados ao impacto psicossocial, os estudos dialogam ao destacar o papel do estigma, da gravidade do TEA, das comorbidades, do acesso e da continuidade do cuidado, da coordenação intersetorial entre saúde, educação e assistência social, da presença de redes de apoio formais e informais e da participação em intervenções parentais e psicoeducativas. De modo geral, melhores indicadores de qualidade de vida e menores níveis de estresse e sobrecarga estão associados a maior suporte social e a intervenções focalizadas na família (Cabral; Falcke; Marin, 2021; Reis; Pereira, 2023).

Quanto às limitações das evidências disponíveis, os autores apontam a predominância de delineamentos transversais, amostragens por conveniência, insuficiente detalhamento do itinerário pós-diagnóstico, variabilidade temporal das janelas analíticas e sub-representação de cuidadores não maternos, como pais, avós e irmãos, bem como de contextos socioeconômicos mais vulneráveis. No âmbito desta revisão, destacam-se ainda as restrições às publicações em língua portuguesa, a ausência de resumos estruturados em parte dos registros e a heterogeneidade terminológica relacionada aos desfechos

psicossociais e ao TEA, fatores que podem ter afetado a sensibilidade da busca, mesmo com a inclusão de literatura cinzenta.

Tomando por base as implicações para a prática e para as políticas públicas, os estudos analisados ratificam a importância de cuidados focalizados na família desde o período pós-diagnóstico, com destaque para a psicoeducação estruturada, grupos de apoio, suporte emocional ao cuidador, estratégias de alívio da sobrecarga, planos de transição para a adolescência e vida adulta e fortalecimento da articulação intersetorial. A ampliação de serviços, a redução do tempo de espera para o início das intervenções e a atuação de equipes multiprofissionais são apontadas como estratégias fundamentais para minimizar o estresse e a sobrecarga familiar (Oliveira; Schmidt; Pendeza, 2020; Reis; Pereira, 2023).

Por fim, no que se refere à esta pesquisa, os dados apontam a necessidade de ampliação de estudos longitudinais, padronização de medidas e marcos temporais pós-diagnóstico, inclusão sistemática de diferentes cuidadores, exploração de interseccionalidades como renda, território, ruralidade e raça/cor e avaliação dos custos diretos e indiretos do cuidado ao longo do tempo, bem como de intervenções parentais focadas na família, a exemplo da abordagem de qualidade de vida familiar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão bibliográfica integrativa da literatura evidenciou que o processo de diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) produz impactos psicossociais significativos e multifacetados nas famílias, configurando-se como um processo dinâmico e longitudinal, que se transforma ao longo do tempo. Os achados indicam que o período imediatamente posterior ao diagnóstico concentra maior intensidade de sofrimento emocional, marcado por reações como medo, incerteza, luto simbólico, estresse parental e sobrecarga do cuidador, especialmente entre mães e cuidadores principais. Esse momento inicial se caracteriza como uma fase de elevada vulnerabilidade, na qual a ausência de informações claras, o acesso tardio aos serviços e a fragilidade do suporte profissional intensificam o impacto psicossocial vivenciado pelas famílias.

Entretanto, a literatura analisada também demonstra que, ao longo do tempo, muitas famílias desenvolvem processos de reorganização e adaptação, com redefinição das dinâmicas familiares, ampliação das redes de apoio e ressignificação do diagnóstico. A participação em intervenções parentais e psicoeducativas, o fortalecimento da coparentalidade, o maior envolvimento paterno e a articulação entre família, escola e serviços de saúde emergem como fatores protetores relevantes, favorecendo o empoderamento familiar, a melhoria da autoeficácia e a redução gradual do sofrimento inicial. Ainda assim, tais processos não ocorrem de forma homogênea, sendo fortemente influenciados por condições socioeconômicas, gravidade do TEA, presença de comorbidades e continuidade do cuidado.

Apesar dos avanços adaptativos observados em parte das famílias, persistem desafios psicossociais ao longo do ciclo de vida da pessoa com TEA, incluindo a fadiga crônica do cuidador, os impactos financeiros do cuidado contínuo e as dificuldades associadas às transições do desenvolvimento, especialmente da infância para a adolescência e vida adulta. Ademais, o estigma social e o autoestigma se configuram como elementos transversais, que atravessam diferentes fases do percurso familiar e comprometem o bem-estar emocional, as relações sociais e o acesso à rede de cuidados. Esses achados reforçam a compreensão do TEA como uma condição que demanda acompanhamento contínuo e suporte permanente às famílias, para além do momento inicial do diagnóstico.

No que se refere às implicações para a prática e para as políticas públicas, os resultados apontam a necessidade de fortalecimento de cuidados focalizados na família desde o pós-diagnóstico, com ênfase em estratégias de psicoeducação estruturada, grupos de apoio, suporte emocional ao cuidador, ações de alívio da sobrecarga e planos de transição para a adolescência e vida adulta. A articulação intersetorial entre saúde, educação e assistência social, bem como a atuação de equipes multiprofissionais e a redução do tempo de espera para o início das intervenções, mostram-se fundamentais para a mitigação do estresse e da sobrecarga familiar, contribuindo para a promoção da qualidade de vida.

Quanto às limitações, destacam-se a predominância de estudos transversais, amostragens por conveniência, heterogeneidade dos instrumentos utilizados e variabilidade na definição do tempo pós-diagnóstico, além da sub-representação de cuidadores não maternos e de contextos socioeconômicos mais vulneráveis. No âmbito desta revisão, a restrição às publicações em língua portuguesa e a heterogeneidade terminológica também podem ter influenciado a sensibilidade da busca.

Diante disso, recomenda-se o desenvolvimento de estudos longitudinais que acompanhem as famílias ao longo do tempo, a padronização de medidas e marcos temporais pós-diagnóstico, a inclusão sistemática de diferentes cuidadores como pais, avós e irmãos e a incorporação de análises interseccionais que considerem renda, território, ruralidade e raça/cor. Ademais, destaca-se a importância de investigações que abordem os custos diretos e indiretos do cuidado e avaliem intervenções parentais centradas na família, a exemplo da abordagem de Qualidade de Vida Familiar (Family Quality of Life).

Em síntese, o fortalecimento do cuidado centrado na família, associado ao suporte social, às intervenções parentais e à atuação integrada da rede multiprofissional, na saúde coletiva, exerce papel decisivo na promoção da qualidade de vida das famílias que convivem com o diagnóstico do TEA. Assim, este estudo, além de ampliar a formação profissional desta autora, contribui para subsidiar a qualificação das práticas assistenciais, orientar a formulação de políticas públicas e fomentar novas pesquisas, estabelecendo um diálogo consistente entre a produção científica e as necessidades concretas das famílias no contexto da saúde coletiva.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, J. M. G. *et al.* Habilidades sociais educativas de pais de crianças com transtorno do espectro autista. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, 2022.

ALMEIDA, M. L. Intervenções psicanalíticas com famílias de crianças com transtorno do espectro autista. **PePSIC – Periódicos Eletrônicos em Psicologia**, 2020.

ALVES, J. S. *et al.* Estresse, depressão e ansiedade em mães de crianças com transtorno do espectro autista. **PePSIC – Periódicos Eletrônicos em Psicologia**, 2022.

ARAUJO, Ana Gabriela Rocha; SILVA, Mônia Aparecida da; ZANON, Regina Basso. AUTISMO, NEURODIVERSIDADE E ESTIGMA: PERSPECTIVAS POLÍTICAS E DE INCLUSÃO. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 27, 2023.

BARROS, Febe Lima; DE OLIVEIRA TELES, Paula Vitória. Os impactos psicossociais nas famílias diante do diagnóstico do TEA. **Amazônica - Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação**, v. 18, n. 1, p. 400–425, 2025.

BARROSO, Paula Oliveira; PEDROSO, Janari da Silva; CRUZ, Edson Júnior Silva da. Redes de apoio social de famílias com crianças acolhidas institucionalmente: estudo de caso múltiplo. **Pensando fam.**, Porto Alegre , v. 22, n. 2, p. 219-234, dez. 2018.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O MÉTODO DA REVISÃO INTEGRATIVA NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS. **Gestão e sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121, 2011.

CABRAL, C. S.; FALCKE, D.; MARIN, Â. H. Relação família–escola–criança com transtorno do espectro autista. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, 2021.

CAPARROZ, J.; SOLDERA, P. E. dos S. Transtorno do Espectro Autista: impactos do diagnóstico e suas repercussões no contexto das relações familiares. **Open Minds International Journal**, v. 3, n. 1, p. 33–44, 2022.

COLOMÉ, Carolina Schmitt *et al.* Redes Sociais Significativas Maternas: Significados e Movimentos Diante do Autismo. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 44, 2024.

DANZMANN, P. S. Olhar materno: o envolvimento do pai na vida do filho com transtorno do espectro autista. **Psicologia em Estudo**, 2024.

DE ARAÚJO, Patrícia Pereira *et al.* Avaliação e Ensino de Emoções com Crianças e Jovens Adultos com Autismo ou Síndrome de Down Mediado pela Família. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 44, 2024.

MORAIS, L. C. Vivenciando o luto do filho idealizado e enfrentando a luta: o impacto do diagnóstico na família das crianças com autismo e a relevância da compreensão do diagnóstico e início das intervenções precoces. In: **Inverno**, 2023.

KIKUIO, K. M. O; GOMES, T. C. O estresse familiar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). 2018.

PAOLI, J. P.; FERNANDES, P. M. L. Autismos em uma perspectiva histórico-cultural. **Revista GESTO-Debate**, v. 6, p. 1–24, 2022.

EVÊNCIO, Kátia Maria De Moura; FERNANDES, George Pimentel. História do Autismo: Compreensões Iniciais / The History of Autism: Initial Understandings. **ID on line REVISTA DE PSICOLOGIA**, v. 13, n. 47, p. 133–138, 2019.

FEITOSA, Giulliany Gonçalves; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. Crenças parentais sobre o transtorno do espectro autista: Uma revisão sistemática da literatura. **Gerais**, v. 16, n. 2, 2023.

FRANCO, Vitor. Paixão-dor-paixão: pathos, luto e melancolia no nascimento da criança com deficiência. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 18, n. 2, p. 204–220, 2015.

GAIATO, M. **SOS autismo: guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista**. São Paulo: Versos Editora, 2018.

GRAY, D. E. Coping over time: the parents of children with autism. **Journal of Intellectual Disability Research**, v. 50, n. Pt 12, p. 970–976, 2006.

HILÁRIO, A. S.; AZEVEDO, I. H.; DE SOUZA, J. C. P. Autismo nas relações parentais: os impactos psicossociais vivenciados por pais de crianças diagnosticadas com TEA. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 6, p. 24819–24831, 2021.

HOFZMANN, R. D. R. et al. Experiência dos familiares no convívio de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Enfermagem em Foco**, v. 10, n. 2, 2019.

LEMOS, E. L. M. D.; SALOMÃO, N. M. R. Jovens com transtorno autista, suas mães e irmãos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, 2022.

LIMA, R. C.; NAIFF, L. A. M.; GASPARD, J. C. Autoestigma em mães de crianças com transtorno do espectro autista. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, 2024.

OLIVEIRA, J. J. M.; SCHMIDT, C.; PENDEZA, D. P. Intervenção implementada pelos pais e empoderamento parental no transtorno do espectro autista. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, 2020.

PASSOS, B. C.; KISHIMOTO, M. S. C. O impacto do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista na família e relações familiares. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 1, p. 5827–5832, 2022.

PINTO, A. S. *et al.* Vivência materna no transtorno do espectro autista: revisão integrativa. **PePSIC – Periódicos Eletrônicos em Psicologia**, 2020.

PONTE, Amélia Belisa Moutinho da; ARAUJO, Lucivaldo da Silva. Vivências de mães no cuidado de crianças com transtorno do espectro autista. **Rev. NUFEN**, Belém , v. 14, n. 2, p. 1-15, ago. 2022.

PORTES, J. R. M.; VIEIRA, M. L. Coparentalidade no contexto familiar de crianças com transtorno do espectro autista. **Psicologia em Estudo**, Maringá, 2020.

REIS, Luciana Bicalho; PEREIRA, Camila Marchiori. Percepções de Familiares sobre uma Rede de Cuidados de Saúde Mental Infantojuvenil. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 43, n. e254081, 2023.

SCHONS, D. A.; ALVES, D. C.; MAZON, L. Perspectivas sobre os primeiros sinais do transtorno do espectro autista. **Psicologia em Estudo**, Maringá, 2025.

SOUZA, Priscilla *et al.* Parenting programmes targeting parents of children with disabilities: a scoping review on programmes' characteristics and co-parenting contents. **Early Child Development and Care**, v. 195, n. 1–2, p. 1–15, 2025.

SOUZA, R. F.; SOUZA, J. C. Os desafios vivenciados por famílias de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista. **Perspectivas em Diálogo**, p. 164–182, 2021.

TALASCA, F. V.; LENZ, A. S. A família diante do enfrentamento do transtorno do espectro autista. **PePSIC – Periódicos Eletrônicos em Psicologia**, 2020.